



**Sopra o vento da  
insubordinação nas  
tradições já carcomidas:  
balada de amor ao  
vento, de Paulina  
Chiziane**

**The wind of  
insubordination blows in  
the already crumbling  
traditions: love ballad to  
the wind, Paulina  
Chiziane**

**Anselmo Peres Alós**

Doutor em Literatura Comparada.

Professor Adjunto no Departamento de Letras Vernáculas.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras.

Coordenador do projeto de pesquisa *Ressonâncias e dissonâncias no romance lusófono contemporâneo: o imaginário pós-colonial e a (des)construção da identidade nacional*.

**Resumo:**

O escritor moçambicano Mia Couto, talvez um dos mais representativos romancistas da África lusófona contemporânea, ao lado de outros como Germano Almeida (Cabo Verde) e Pepetela (Angola), é reconhecido pela crítica em função do talento inventivo que expressa em seus escritos, que vai desde o nível lexical, com a criação de neologismos inspirados nos usos populares do português, até a fabulação de universos que beiram o realismo mágico, como no romance **O último voo do flamingo** (2000). Cabe salientar, entretanto, que não é apenas o apelo poético dos escritos de Mia Couto que chama a atenção de seus leitores e críticos mundo afora. Por detrás das inúmeras metáforas e neologismos, há um profundo senso de intervenção política a marcar a obra do escritor moçambicano. Esse senso de compromisso político com os processos históricos de consolidação da sociedade moçambicana torna-se ainda mais saliente quando se passa a trabalhar com a literatura de autoria feminina. Celebrada pelos círculos literários como a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, Paulina Chiziane vem ganhando amplitude, ao lado de nomes como o de Lília Momplé, como uma das romancistas de maior destaque do final do século XX e início do século XXI, com uma obra de grande repercussão não apenas em Moçambique, mas em toda a África lusófona. Entre seus romances, cabe destacar **Balada de amor ao vento** (1990), **Ventos do apocalipse** (1993), **O sétimo juramento** (2000), **Niketche: uma história de poligamia** (2002) e **O alegre canto da perdiz** (2008). **Balada de amor ao vento**, publicado pela primeira vez em 1990 pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), traz à baila o conflituoso embate de certos valores tribais autóctones com as diretrizes sociais ocidentalizadas. Tal embate termina por redimensionar a configuração da organização familiar moçambicana, em especial no que toca aos papéis sociais exercidos pelas mulheres, tanto na esfera pública quanto na privada. No vórtice dessa turbulência, quem mais sofre são as mulheres, impedidas de constituir identidades viáveis, e mesmo de participar efetivamente da vida pública como cidadãs plenas

**Palavras-chave:** Romance Moçambicano. Autoria Feminina. Relações Étnico-Raciais e de Gênero.

**Abstract:**

The Mozambican writer Mia Couto, perhaps one of the most representative contemporary novelists of Lusophone Africa, alongside others like Germano Almeida (Cape Verde) and Pepetela (Angola), is recognized by critics because of the inventive talent expressed in his writings, which goes from the lexical level, with the creation of neologisms inspired by the popular uses of the Portuguese, to the fabulization of universes that border on magical realism, as in the novel **“The last flight of the flamingo”** (2000). It should be emphasized, however, that it is not only the poetic appeal of the writings of Mia Couto that catch the attention of his readers and critics worldwide. Behind the numerous metaphors and neologisms, there is a deep sense of political intervention that marks the work of the Mozambican writer. This sense of political commitment to the historical processes of consolidation of Mozambican society becomes even more salient when one begins to work with the literature of female authorship. Celebrated by literary circles as the first Mozambican woman to publish a novel, Paulina Chiziane gained breadth, alongside names such as Lilia Momplé, as one of the most prominent novelists of the late twentieth century and early twenty-first century with a work of great impact not only in Mozambique, but in all Lusophone Africa. Among her novels, it is worth noting **Love Ballad in the wind** (1990), **Winds of Apocalypse** (1993), **The Seventh Oath** (2000), **Niketche: a story of polygamy** (2002) and **The Jolly Song of the Partridge** (2008). **Love Ballad in the Wind**, first published in 1990 by the Association of Mozambican Writers (AEMO), brings up the conflicting clash of certain indigenous tribal values with the westernized social guidelines. This clash ends up redimensioning the configuration of the organization of the Mozambican family, especially with regards to social roles played by women, both in public and in private. In this turbulent vortex, those who suffer most are women, prevented from having viable identities, and even of participating effectively in public life as full citizens.

**Keywords:** Mozambican Romance. Female Authorship. Ethno-racial and Gender Relations.

Estar-se-ia vivendo um período de “globalização do imaginário”, correlativo à globalização do capital econômico e das relações internacionais? Ou será que a literatura, na contramão da globalização econômica do planeta, estaria a funcionar como um processo discursivo que, a contrapelo da homogeneização, insiste no caráter irredutível da diferença como capital cultural fundamental na economia das relações humanas? O escritor moçambicano Mia Couto, talvez um dos mais representativos romancistas da África lusófona contemporânea, ao lado de outros como Germano Almeida (Cabo Verde) e Pepetela (Angola), é reconhecido pela crítica em função do talento inventivo que expressa em seus escritos, que vai desde o nível lexical, com a criação de neologismos inspirados nos usos populares do português, até a fabulação de universos que beiram o realismo mágico, como no romance *O último voo do flamingo* (2004). Cabe salientar, entretanto, que não é apenas o apelo poético dos escritos de Mia Couto que chama a atenção de seus leitores e críticos mundo afora. O poder de subversão cifrada através das imagens poéticas narradas nas histórias de Mia Couto extrapola os domínios da norma culta da língua portuguesa. Por detrás das inúmeras metáforas e neologismos, há um profundo senso de intervenção política a marcar a obra do escritor moçambicano, tal como ele mesmo afirma:

[...] estou a falar e escrever em um momento em que a nossa democracia [moçambicana], que é uma conquista de todos nós, está a ser posta em causa todos os dias, e está ser posta em causa gravemente por ameaças de violência, por comportamentos profundamente

antidemocráticos.<sup>1</sup>

Este senso de compromisso político com os processos históricos de consolidação da sociedade moçambicana torna-se ainda mais saliente quando se passa a trabalhar com a literatura de autoria feminina. Celebrada pelos círculos literários como a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, Paulina Chiziane vem ganhando amplitude, ao lado de nomes como o de Lília Momplé, como uma das romancistas de maior destaque do final do século XX e início do século XXI, com uma obra de grande repercussão não apenas em Moçambique, mas em toda a África lusófona. Entre seus romances, cabe destacar *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do apocalipse* (1993), *O sétimo juramento* (2000), *Niketche: uma história de poligamia* (2002) e *O alegre canto da perdiz* (2008).

*Balada de amor ao vento*, publicado pela primeira vez em 1990 pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), e reeditado em 2007 pela Editora Caminho de Lisboa como o volume 17 da coleção *Outras Margens*, traz à baila o conflituoso embate de certos valores tribais autóctones com as diretrizes sociais ocidentalizadas. Tal embate termina por redimensionar a configuração da organização familiar moçambicana, em especial no que toca aos papéis sociais exercidos pelas mulheres, tanto na esfera pública quanto na privada. De acordo com a autora, “a terra é a mãe da natureza e tudo suporta para parir a vida. Como a mulher. Os golpes da vida a mulher suporta no silêncio da terra. Na amargura suave segrega um líquido triste e viscoso como o melão”.<sup>2</sup> No vórtex dessa turbulência, quem mais sofre são as mulheres, impedidas de constituir identidades viáveis, e mesmo de participar efetivamente da vida pública como cidadãs plenas. Papel decisivo no cerceamento da liberdade das mulheres é exercido pelas superstições oriundas das religiões bantu, como afirma a própria autora em texto posterior ao romance:

Nas religiões bantu, todos os meios que produzem subsistência, riqueza e conforto como a água, a terra e o gado são deificados, sacralizados. A mulher, mãe da vida e força da produção da riqueza, é amaldiçoada. Quando uma grande desgraça recai na comunidade sob a forma de seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas as maiores infractoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas. Porque é o sangue podre das suas menstruações, dos seus abortos, dos seus natimortos que infertiliza a terra, polui os rios, afasta as nuvens e causa epidemias, atrai inimigos e todas as catástrofes.<sup>3</sup>

No confronto entre os valores da modernidade ocidental e os preceitos autóctones que, ainda hoje, pautam fortemente a organização social moçambicana, a escrita romanesca de autoria feminina ganha uma importância fundamental no processo de constituição de alternativas identitárias para as mulheres. Entende-se aqui a categoria “identidade” nos mesmo termos apresentados por Rita Terezinha Schmidt:

Identidades são concebidas aqui como movimentos contínuos/descontínuos das relações que sujeitos, comunidades, nações estabelecem imaginariamente com o outro, o que garante sua auto-constituição e sua inserção dentro de certas condições sócio-históricas e

<sup>1</sup> COUTO, Mia. *O País*. Maputo, 24 de junho de 2009, p. 3.

<sup>2</sup> CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2007. p. 12.

<sup>3</sup> CHIZIANE, 2007, p. 12.

discursivas que são, elas próprias, sustentáculos daquelas relações. Nesse sentido, as identidades resultam de tecnologias de produção de subjetividades, cujas representações simbólicas são, por excelência, o lugar da ideologia.<sup>4</sup>

A história de amor entre Sarnau e Mwando, permeada de encontros e desencontros, é o eixo a partir do qual se aciona a memória da personagem central de *Balada de amor ao vento*, que realiza uma retomada de sua conturbada trajetória a levar-lhe da riqueza e da realeza à miséria. O casamento poligâmico ainda na adolescência, a traição ao marido com um homem amado desde a infância, a fuga da aldeia e a sobrevivência em meio à miserável Mafalala (bairro pobre nos arredores de Maputo) encaixa-se em uma torrente de eventos nos quais a constante mais forte é o permanente questionamento das convenções sociais relativas aos papéis femininos no contexto familiar moçambicano. A economia narrativa arregimentada pela autora, que alterna uma voz narrativa extradiegética com focalização externa e uma voz narrativa intradiegética com focalização interna, permite sublinhar os sentimentos de Sarnau frente ao *modus socialis operandi* hegemônico.

Vivendo em Mambone, Sarnau é abandonada grávida por Mwando, um ex-seminarista, após ter vivido com ele uma história de amor extraconjugal repleta de esperanças. Mwando abandona Sarnau para casar com Sumbi, moça cristã escolhida para ser sua esposa, em um casamento monogâmico, de acordo com as regas pregadas pela igreja católica. Desesperada, ao receber a notícia de Mwando, a jovem termina perdendo o filho em uma tentativa de suicídio. Sua vida muda quando é eleita para ser a primeira esposa de Nguila, herdeiro da tribo dos Zucula. Tal como manda a tradição, os Zucula têm de pagar o *lobolo* à família da noiva para que a mesma dê sua permissão para a realização do casamento.

Cabe aqui uma breve explanação acerca do *lobolo*, uma vez que, ainda que antropologicamente ‘aparentado’ com a prática do pagamento do dote, o mesmo funciona de acordo com uma lógica cultura bastante peculiar, relativamente comum entre os povos agrários subsaarianos. Na região moçambicana ao sul do Save, os casamentos costumavam (e, nas regiões rurais, ainda costumam) ser tratados como uma questão privada, mas resolvida coletivamente entre dois grupos, e concluída sem intervenção das autoridades, fossem elas políticas ou religiosas. O objetivo primeiro do casamento, tal como celebrado nestas sociedades tribais e agrárias, era a produção de novos indivíduos para o clã (os quais, em um futuro próximo, deveriam assumir o papel de provedores, assegurando a sobrevivência do mesmo como corpo coletivo organizado). As negociações entre os dois grupos distintos (representados pelo noivo e pela noiva) eram conduzidas por membros de destaque das famílias interessadas, sendo o consentimento dos noivos para o casamento um pressuposto. A permissão para a união era vista, pelos dois grupos, como uma espécie de ‘troca de serviços’ entre clãs distintos: um deles cedia ao outro as capacidades reprodutivas de um dos seus membros (o ventre feminino) e, a título de compensação por esta ‘perda’, o clã reclamava determinados bens (também chamados, em seu conjunto, de *lobolo*), os quais, via de regra, acabavam sendo destinados à aquisição de uma noiva para um dos irmãos da recém-casada, aquisição esta realizada dentro da mesma lógica e dos mesmos preceitos aqui

<sup>4</sup> SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar? In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (organização). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 103.

descritos.<sup>5</sup>

De maneira sintética, pode-se dizer que as funções do *lobolo* nestas aldeias eram múltiplas. Primeiramente, esta prática representava uma espécie de compensação (no sentido *lato*), e não um ‘dote’ ou um ‘preço de compra’ pela noiva a ser pago pelo noivo, como tem sido erroneamente considerado (mesmo em Moçambique). Em seguida, a prática do *lobolo*, vista como uma instituição cultural autóctone, autorizava a transferência da capacidade reprodutora da mulher para o grupo familiar do marido em função da paga do *lobolo*. Em terceiro lugar, o *lobolo* atribui legitimidade, legalidade (nas sociedades tradicionais) e estabilidade<sup>6</sup> à união matrimonial. Em quarto lugar, ele responsabilizava tanto o marido quanto a família deste pela manutenção e pelo bem-estar da mulher lobolada, bem como dos filhos desta, frente à comunidade. Em quinto lugar, funcionava como ritual simbólico de legitimação dos filhos gerados, os quais eram considerados então membros pertencentes à família do noivo, isto é, à família que havia pago o *lobolo*. Finalmente, a paga do *lobolo* constituía um meio de aquisição de outra unidade reprodutora para o grupo enfraquecido, isto é, para a aquisição de uma noiva para um dos homens da família da mulher lobolada, frequentemente para o irmão mais velho da noiva.<sup>7</sup>

Compreender a complexa dinâmica do *lobolo* é de fundamental importância para que se compreenda o desfecho de *Balada de amor ao vento*. O casamento com Nguila eleva Sarnau à condição de futura rainha dos Zucula, posto que alcança por ocasião da morte do pai e da mãe de seu marido, que vem a ocupar o trono. Contudo, mesmo com sua privilegiada condição social, a qual lhe é garantida pela sua posição como esposa do rei Nguila, Sarnau sofre imensamente em função da violência e das imposições às quais se submete em função da poligamia. Nguila possui outras esposas (seis ao total), espanca-a constantemente e lhe exige um filho. Como primeira esposa de Nguila, Sarnau é a única com legitimidade para gerar um descendente para o trono. Ela, contudo, dá à luz duas meninas gêmeas.

Paralelamente, Mwando é traído e abandonado por Sumbi. A educação cristã não levou Mwando apenas a rechaçar a poligamia, mas também a defender a relativização das funções sociais atribuídas aos homens e mulheres em sua tribo. Sumbi tirava proveito disso, obrigando-o a assumir as tarefas que os outros homens, membros do clã, consideravam indignas e reservadas às mulheres, tais como cozinhar, lavar e cuidar da casa. Depois de abandonado por Sumbi, Mwando regressa a

<sup>5</sup> RITA-FERREIRA, António. Os africanos de Lourenço Marques. *Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique*. Lourenço Marques: Instituto de Investigação Científica de Moçambique, Série C, 9: 1967-68. p. 291.

<sup>6</sup> Tive a oportunidade de lecionar, entre 2009 e 2011, em diferentes instituições de Ensino Superior em Maputo, capital de Moçambique, tais como o Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique (ISCTEM), o Instituto Superior de Comunicação e Imagem de Moçambique (ISCIM), o Centro Cultural Brasil-Moçambique (CCBM) e a Universidade Islâmica Mussá Bin Bique. Conversando informalmente com minhas alunas (oriundas da classe média urbana de Maputo), descobri que a grande maioria delas considerava o *lobolo* uma *conditio sine qua non* para que se casassem, pois atribuíam a esta prática a capacidade de assegurar a estabilidade e a perenidade da união com seus maridos. Curiosamente, o valor atribuído ao *lobolo* como ritual que assegurava as bênçãos à união entre um homem e uma mulher também se fazia presente entre as alunas muçulmanas e católicas, fossem elas negras moçambicanas, fossem elas descendentes de imigrantes indianos e paquistaneses.

<sup>7</sup> Para considerações mais aprofundadas sobre a prática do *lobolo* em Moçambique, conferir António RITA-FERREIRA (1967-68), Felizardo CIPIRE (1996), Henri JUNOD (1996) e Paulo GRANJO (2005).

Mambone, reencontra Sarnau e ambos reiniciam seus encontros sexuais.

Sexualmente rejeitada pelo marido, que tem franca preferência pela quinta esposa, Phati, Sarnau entrega-se a Mwando, sem saber, entretanto, como fugir do seu casamento com Nguila. Grávida de Mwando, Sarnau se vê obrigada a forçar uma relação sexual com Nguila – que sequer a procurava - para ocultar a evidência da traição. Nasce assim o novo herdeiro do trono dos Zucula. Descoberta em sua traição por Phati, Sarnau se vê obrigada a fugir da ira de seu marido, deixando os filhos com Nguila, temerosa de que a origem bastarda de seu filho seja descoberta. Em pequenos barcos, chegam a Vilanculos, uma pequena aldeia de pescadores situada na província de Inhambane, onde Mwando torna-se pescador e Sarnau passa a ter uma vida tranquila. É neste ponto que um antigo companheiro de Mwando, sob o mando de Nguila, busca Sarnau e seu amante para entregá-los ao rei. Por amizade, previne Mwando que, acovardado, abandona Sarnau pela segunda vez, que se encontra esperando um filho seu.

Novamente sozinha, e com um filho no ventre prestes a nascer, Sarnau erra de vila em vila até chegar à Mafalala, bairro pobre de Lourenço Marques (nome colonial da capital moçambicana à época da história, hoje chamada Maputo), onde passa a vender o corpo para sobreviver. Acometida por uma grave doença venérea, Sarnau tem mais um filho, fruto de um *affair* com um homem casado que não assume a paternidade, passando finalmente a viver como *mamana vendedeira*, vendendo tomates nos mercado livres da Mafalala. Após abandonar Sarnau pela segunda vez, Mwando envolve-se com a mulher de um português e, descoberto por este, acaba deportado para Angola, onde trabalha como escravo nas plantações de cana e café. Lançando mão de seus conhecimentos religiosos, atua como sacerdote, ganhando respeito dos outros trabalhadores escravizados e a alcunha de “Padre Moçambique”. Quinze anos depois, Mwando é liberto, e emerge então o desejo de retornar à Maputo em busca de Sarnau. Gasta praticamente todas suas economias nesta viagem de regresso e, no caminho para Lourenço Marques, passa por Mambone<sup>8</sup>, onde descobre que Sarnau havia começado a se prostituir na Mafalala.

Chegando finalmente à capital, Lourenço Marques, Mwando surpreende Sarnau e lhe propõe recomeçar sua vida em comum. Sarnau culpa Mwando por todas as misérias que teve de enfrentar. Forçando a entrada na palhota<sup>9</sup> de Sarnau, Mwando depara-se com os filhos de Sarnau. Atendendo ao apelo dos filhos, que reconhecem Mwando como pai, Sarnau cede e aceita Mwando em sua palhota, mesmo sabendo que muito provavelmente terá de sustentá-lo pelo resto de sua vida.

*Balada de amor ao vento* é um romance sintomático do entrelugar da enunciação pós-colonial. Como tal, mostra-se permeado por contradições e ambiguidades. Com relação a estas ambivalências e contradições que se entrelaçam nos nós e fios urdidos pela narradora, cabe retomar uma reflexão de Homi Bhabha com relação à problemática experiência da escrita da nação:

Se, em nossa teoria itinerante, estamos conscientes da metaforicidade dos povos de

<sup>8</sup> Localizada na província de Inhambane, no sul de Moçambique, Mambone carrega a reputação de ser a terra dos mais poderosos *nhamussoros* (feiticeiros tradicionais) de todo o país.

<sup>9</sup> Termo utilizado no português moçambicano para designar as pequenas casas das pessoas humildes, geralmente situadas fora do perímetro urbano. A palavra faz alusão à cobertura de palha utilizada nas construções.

comunidades imaginadas — migrantes ou metropolitanos — então veremos que o espaço do povo-nação moderno nunca é simplesmente horizontal. Seu movimento metafórico requer um tipo de “duplicidade” de escrita, uma temporalidade de representação que se move entre formações culturais e processos sociais sem uma lógica causal centrada. E tais movimentos culturais dispersam o tempo homogêneo, visual, da sociedade horizontal. A linguagem secular da interpretação necessita então ir além da presença do olhar crítico horizontal se formos atribuir autoridade narrativa adequada à “energia não-sequencial proveniente da memória histórica vivenciada e da subjetividade”. Precisamos de um outro tempo de escrita que seja capaz de inscrever as interseções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência “moderna” da nação ocidental.<sup>10</sup>

A protagonista do romance, Sarnau, se vê dividida entre um pensamento questionador, que busca a emancipação feminina e que está pautado no pensamento moderno ocidental, as práticas culturais autóctones arcaicas, responsáveis pelo delineamento de sua identidade cultural como mulher moçambicana, e o seu amor incomensurável por Mwando, que termina por levá-la a um sem fim de desventuras. Os dilemas contraditórios que emergem na construção narrativa da personagem Sarnau não se devem a problemas de composição não resolvidos por Paulina Chiziane, mas sim à própria economia narrativa pós-colonial que se inscreve como condição de possibilidade para a enunciação de *Balada de amor ao vento*.

## Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CIPIRE, Felizardo. *Educação tradicional em Moçambique*. 2. ed. Maputo: Publicações Emedil, 1996.

CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1990.

CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2007.

\_\_\_\_\_. “Eu, mulher, por uma nova visão do mundo...”. In: AFONSO, Ana Elisa de Santana (Org.). *Eu, mulher em Moçambique*. Moçambique: AEMO; UNESCO, 1992. p. 9-21.

\_\_\_\_\_. *Ventos do apocalipse*. Maputo: Edição da Autora, 1993

\_\_\_\_\_. *O sétimo juramento*. Lisboa: Caminho, 2000.

\_\_\_\_\_. *Niketche: uma história de poligamia*. Lisboa: Caminho, 2002.

\_\_\_\_\_. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Caminho, 2008.

<sup>10</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 201.

COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. Lisboa: Caminho, 2000.

GALVÁN, Enrique y GALVÁN, Fernando. “El discurso colonial en *Balada de amor ao vento*, de Paulina Chiziane”. *Rapsoda: Revista de Literatura*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, n. 1, 2009, p. 25-38.

GRANJO, Paulo. *Lobolo em Maputo: um velho idioma para novas vivências conjugais*. Porto: Campo de Letras, 2005.

JUNOD, Henri. *Usos e costumes dos bantu*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1996 (Tomo I).

MIA COUTO declara-se num “vazio” após escrever *Jesusalém* [entrevista]. *O País*. Maputo, 24 de junho de 2009, p. 3.

RITA-FERREIRA, António. “Os africanos de Lourenço Marques”. *Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique*. Lourenço Marques: Instituto de Investigação Científica de Moçambique, Série C, 9: 1967-68. p. 95-491.

SCHMIDT, Rita Terezinha. “Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar?” In: INDURSKY, Freda e CAMPOS, Maria do Carmo (organização). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 102-110.